



MONSTERA: FOLHA VERDE, FOLHA DE (A) NOTAR ONDAS SONORAS

Gabriela Maria Nobre Serôa Campos <sup>1</sup>

MONSTERA: GREEN LEAF, LEAF TO NOTE SOUND WAVES

MONSTERA: FEUILLE VERTE, FEUILLE OÙ NOTER LES ONDES SONORES

---

<sup>1</sup> Artista sonora, poeta e performer à frente do projeto sonoro b-Aluria. Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes (PPGCA - UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0614524206289221> ORCID: 0009-0006-2149-3096 E-mail: [gabrielanobre.nobre@gmail.com](mailto:gabrielanobre.nobre@gmail.com)

## RESUMO

O presente texto articula a experiência pessoal da autora com a planta *Monstera* (popularmente conhecida como Costela de Adão) com o conceito de “fazer parentes” de Donna Haraway, e busca pensar a interdependência entre humanos e outras espécies. A autora descreve o processo de criação do seu álbum musical “*Monstera*”, considerando a planta como um ponto de partida para a experimentação sonora. Tal processo se daria para além de uma tradução literal entre planta e sujeito, conectando-se com “uma linguagem do sensível”. Através da experiência com o cultivo da *Monstera* e da leitura de Haraway, a autora busca repensar uma visão antropocêntrica, ao estabelecer uma relação horizontal e de cuidado com outras formas de vida. O texto se configura como um relato autobiográfico que se entrelaça com a discussão de teorias contemporâneas sobre o antropoceno e o papel da arte na construção de novas formas de pensar e agir no mundo. A autora, através da sua experiência musical e da sua relação com a planta, nos convida a repensar nossa relação com o mundo natural e a buscar novas formas de coexistência.

**Palavras-chave:** monstera; b-Alúria; antropoceno; espécies companheiras; “fazer parentes”.

**ABSTRACT**

The text interweaves the author's personal experience with the Monstera plant (commonly known as the Swiss Cheese Plant) with Donna Haraway's concept of "making kin," searching to think about the interdependence between humans and other species. The author describes the process of creating her musical album "Monstera," using the plant as a starting point for sonic experimentation. This process goes beyond a literal translation between plant and subject, thought "a language of the sensible." The author seeks to rethink an anthropocentric worldview, establishing a horizontal relationship of care with other life forms. The text presents itself as an autobiographical account interwoven with discussions of contemporary theories about the Anthropocene and the role of art in constructing new ways of thinking and acting in the world. Through her musical experience and her relationship with the plant, the author invites us to reconsider our relationship with the natural world and seek new forms of coexistence.

**Key Words:** monstera; b-Aluria; anthropocene; companion espécies; "making kin".

**RÉSUMÉ**

Le présent texte articule l'expérience personnelle de l'auteur avec la plante Monstera avec le concept de "making kin" de Donna Haraway, et cherche à réfléchir sur l'interdépendance entre les humains et les autres espèces. L'auteur décrit le processus de création de son album musical "Monstera", considérant la plante comme un point de départ pour l'expérimentation sonore. Ce processus se déroulerait au-delà d'une traduction littérale entre plante et sujet, se connectant à "un langage du sensible". À travers l'expérience du jardinage de la Monstera et la lecture de Haraway, l'autrice cherche à repenser une vision anthropocentrique, en établissant une relation horizontale et de soin avec d'autres formes de vie. Le texte se configure comme un récit autobiographique qui s'entrelace avec la discussion des théories contemporaines sur l'anthropocène et le rôle de l'art dans la construction de nouvelles manières de penser et d'agir dans le monde. L'auteur, à travers sa expérience musicale et sa relation avec la plante, nous invite à repenser notre relation avec le monde naturel et à rechercher de nouvelles formes de coexistence.

**Mots Clés:** monstera; b-Aluria; anthropocene; espèces compagnes, "making kin".

O parentesco na era Chthuloceno precisa de histórias, metáforas e práticas que valorizem a interconexão e a interdependência, e menos das narrativas de solo puro e árvores genealógicas monossilábicas (Haraway, 2023, p. 21).

Há uma folha verde que tomo em mãos – Monstera. Há uma folha que, em mãos, me faz escrever. Me faz escrever nela, sobre ela. Há uma folha, grande monstro verde de frestas bem abertas, buracos pelos quais deixamos – eu e ela –, passar a linguagem: de mim para ela, dela para mim, em retroalimentação.

A linguagem anda, tateia suas possibilidades, precisa ser recriada para que algo aconteça entre-dois. E o que se passou entre mim e Monstera gerou uma língua própria; anotações; sons e um disco. E, também, o presente texto que conta sobre essa relação.

\*\*

*Monstera deliciosa*, popularmente conhecida como Costela-de-Adão, é uma planta pertencente à família das Araceae. Originária das regiões tropicais da América Central e do Sul, é uma trepadeira epífita que pode crescer tanto no solo quanto em árvores, adaptando-se a diferentes ambientes. Essa planta é conhecida por suas folhas grandes, coriáceas e brilhantes, geralmente em formato de “coração” com cortes profundos que lembram as costelas de um animal, daí o seu nome popular. Suas folhas possuem pequenos orifícios, conhecidos como fenestrações, que auxiliam na captura de luz em ambientes de pouca luminosidade e na regulação da transpiração.

*Monstera* é também o terceiro disco do b-Aluria<sup>2</sup>, meu projeto solo de música experimental. Entre 2019 e 2021, estive trabalhando nesse

---

2 *Monstera*, lançado pelo selo Música Insólita, 2021. Disponível em: <https://musicainsolita.bandcamp.com/album/monstera>

disco. Quase sempre, de uma forma ou de outra, mesmo quando eu o deixava de lado por dias ou algumas semanas. Para trabalhar em uma ideia como a de um disco, é preciso estabelecer um movimento de aproximação e afastamento de sua escrita e concepção. Além do mais, é sempre curioso notar o que acontece com uma ideia quando me esqueço dela. É como se ela fermentasse: ela infla, se reproduz. Digo isso porque *Monstera* teve diferentes “fases”, registros e corpos no tempo em que foi sendo (a)notado.

\*\*

Ao ter que me mudar de cidade durante o período em que começamos a ser assolados pela pandemia de Covid-19, comecei a cultivar um pequeno jardim. Minha experiência com plantas até então era praticamente nula. Entendendo que eu tinha algum espaço ao ar livre disponível, comecei a cultivar plantas. Inicialmente, não entendi o disparador desse desejo. Tudo começou de forma um tanto atrapalhada, intuitiva, e sem dúvidas urgentes. Depois, junto com algum estudo e desejo de não me tornar uma *serial killer* de plantas, vieram mais delas, e eu fui aprendendo a cuidá-las de forma profícua. Dentro de pouco tempo, o espaço ao redor foi consideravelmente tomado. Foi intenso e inesperado notar que, ao longo das semanas, antes o que eu não conseguia nem perceber durante minhas caminhadas, tornou-se seres visíveis, e agora eu sabia também seus nomes: olá filodendros, antúrios, alamandas, etc, etc.

Toda uma comunidade surgiu diante dos meus olhos enquanto eu me mantive afastada fisicamente da minha comunidade habitual de pessoas. Fiquei mais feliz ao reconhecer esse novo grupo ao meu redor.

A partir do meu quintal, logo entendi que não eram só as plantas que estavam ali. Era um ecossistema com suas partes vivas e mortas, seus personagens desejáveis e indesejáveis. E o mais importante para mim: entendi que havia algo em seu aparente silêncio. Ou melhor, era



**FIGURA 1.**

Capa do disco Monstera, de b-Aluria, lançado em outubro de 2021 pelo selo Música Insólita.

possível reconhecer algo que ressoava de seu aparente silêncio. Havia algo sendo comunicado. Convocada, logo comecei a me empenhar em desenvolver uma sensibilidade específica para ver, ouvir e ler o que essas plantas diziam.

Na verdade, penso que não se trata de criar um olhar, uma escuta ou entender sua língua. Entendi que elas não dizem nada para mim, especificamente. Não se tratava de uma forma de conversa como alguns testemunham – ao menos não no meu caso! Mas havia “algo que acontecia”. Havia uma forma de comunicação sendo engajada entre espécies.

### Parentes – uma folha não só folha

O conceito de *making kin* (fazendo parentes) de Donna Haraway (2023) propõe uma visão expandida da ideia de parentesco que engloba não apenas humanos, mas todas as formas de vida. *Fazer parentes* é uma prática que envolve criar e manter relações de cuidado, responsabilidade e coexistência entre espécies.

Em vez de se basear em laços sanguíneos, Haraway enfatiza os laços de afinidade e colaboração ao argumentar que essas relações são essenciais para a sobrevivência e a prosperidade de todos os seres vivos em um planeta em crise. Ela propõe que fazer parentes é um processo ativo de construção de comunidades de coexistência e apoio mútuo, onde a interdependência é reconhecida e valorizada. “Ninguém vive sozinho, todas as pessoas habitam a rede complexa de vida, tornando-se emaranhadas em relações interespecies, desde os níveis microscópicos aos níveis macroscópicos” (Haraway, 2023, p.12).

Fazer parentes, segundo Haraway, não é um ato passivo, mas uma prática ativa de compromisso e cuidado.

Fazer parentes é um empreendimento ativo, consciente e não inocente, cheio de trabalho para mudar os caminhos auto construídos através de mundos complexos. Fazer parentes como ‘estranhos parentes’ significa estender cuidado e responsabilidade em direções inesperadas, construindo tramas duráveis para uma convivência duradoura em uma Terra danificada (*Ibidem*, p. 10).

O conceito envolve ouvir e responder às necessidades dos outros seres, reconhecendo sua agência e valor intrínseco. Essa prática desafia as narrativas de controle e dominação, promovendo uma ética de convivência que celebra a diversidade.

Criar parentesco gera profundas implicações éticas e práticas, o que nos permite reconsiderar nossas relações com animais, plantas, microrganismos, e mesmo tecnologias. Haraway sugere que precisamos desenvolver uma ética de cuidado e responsabilidade que reconheça a dignidade e os direitos de todas as formas de vida. Isso inclui práticas de conservação ecológica, proteção de habitats, e mudanças nos modos de produção e consumo que respeitem os limites planetários.

### Monstros – som e folha em relação

A faixa homônima de abertura do disco *Monstera* foi criada no contexto em que eu iniciava minhas leituras de Haraway. O que, de muitas formas, ressoava o que eu experienciava no espaço de cultivo do meu pequeno quintal. Além de conferir ao álbum seu título, ela é também a última que compus para ele. É a única que não tem voz ou texto, duas coisas com as quais, normalmente, não abro mão de trabalhar com. O que aconteceu de diferente foi que, paralelamente às descobertas das plantas e dos textos de Haraway, eu vinha fazendo alguns experimentos com o fenômeno de “clipagem” em som.

O termo “clipar”, em edição de som, refere-se ao fenômeno de distorção que ocorre quando o sinal de áudio excede o nível máximo que o equipamento ou software utilizado pode lidar. Para a nossa escuta, isso resulta em uma forma de onda sonora “cortada”, ou “clipped”, “interrompida”, que geralmente soa áspera e desagradável aos ouvidos. Para a engenharia de som convencional, evitar o clipping é importante para manter a qualidade e a clareza do áudio durante uma edição. Porém, sempre me interessei pelo resultado sonoro de clipagem. Ou melhor, sempre me cativaram os sons que apresentavam determinadas características que pareciam que, ao editá-los, me convidavam a olhá-los mais de perto. Assim, comecei a pesquisar como manter o som com o qual eu trabalhava o mais autônomo possível: se ele quisesse soar forte demais, como posso defender sua forma? Como posso mediar sua existência frente aos limites do meu software editor de som? Como fazer uso deles sem que o software, literalmente, os cancele?

E assim, semanas de pesquisa se passaram. De um lado, o quintal – a Monstera, outras plantas e minhas descobertas delas; de outro lado, os sons exacerbados, aparentemente fortes demais, mas prontos para tomarem o ar ao redor, ressoando toda a sua presença. E no meio dessas duas práticas, em um primeiro momento tidas como distintas, pouco a pouco vou tendo a percepção que se trata de uma mesma: depois de plantada na terra, a Monstera começou a tomar proporções magistrais, a água da chuva a enchia de nitrogênio, fazendo com que ela, em poucos dias, quase duplicasse de tamanho.

Os sons que eu estava gerando, pouco a pouco eu descobria como mantê-los o mais intenso possível sem fazer com que sua reprodução fosse cancelada pelo software que os executava. Eu me percebi no meio de duas grandes forças: som e Monstera. Em algum momento, som virou Monstera e Monstera seria som também – dois grandes monstros estavam, afinal de contas, em relação. E como eu poderia falar dessa relação? Como traduzi-la? Seria possível traduzir a linguagem de uma relação na

qual eu me sentia uma espectadora? Seria eu mais do que espectadora? A relação percebida já estava posta ou eu havia sido agenciadora dessa aproximação? Além de artista sonora e jardineira amadora, seria eu realmente uma boa tradutora?

### Tradução – tomar “o sensível como objeto”

Uma tradução convencional está sempre ancorada na expectativa de uma compreensão por vir: a ideia de que é preciso entender de forma exata em meu idioma algo dito em outra língua. Conceitualmente, uma tradução é o processo de transformar um texto de um idioma para outro, mantendo seu significado original e sua mensagem.

Mas meu desejo de comunicação com as plantas se deu a partir de uma tentativa de tradução *sui generis*: a tradução é possível a partir de algo que “se desprendia” da minha linguagem, aquilo que “se perdia” da minha linguagem, no percurso do meu ponto de vista até o espaço que as plantas ocupavam. É nisso que se perde, especificamente, e que se estende de mim a um outro, que está o que reconheço como uma comunicação possível com elas. Então, não era possível uma tradução exata de mim para elas ou vice-versa. Ao contrário, é quando abro mão da exatidão da mensagem que permito que se produza uma nova via de comunicação. Nem uma fala que se produz do meu ponto de vista, nem um gesto que se produza do ponto de vista delas, e sim um outro lugar. Ou melhor, um acesso. Um acesso a uma nova sensibilidade.

Emanuele Coccia (2019), em seu *A vida sensível*, argumenta que a capacidade de sentir e responder afetivamente ao que nos rodeia desempenha um papel fundamental na formação de nossa percepção e experiência. Segundo o autor:

As plantas inventaram um corpo que se estrutura não para se opor à exterioridade, mas para aderir a ela o máximo possível: melhor fundir-se com o mundo para melhor modificá-lo. Compreender a planta significa, portanto, compreender o mundo e, inversamente, o mundo é, em primeiro lugar, um fato vegetal (*Ibidem*, p. 15).

Monstera e som começaram a se reconfigurar diante do meu mapa das coisas e das ideias. O mapa nem era mais um mapa de fato, mas um novo desenho que me soava como constelação, comunidade, estar junto. Restava seguir para entender melhor.

### Anotar a folha em folha

Antes mesmo de começar a trabalhar com arte sonora, sempre me utilizei, em minha atuação enquanto poeta, de escritas e anotações para indicar sons, representar música, e isso nunca se deu a partir de uma notação musical tradicional.<sup>3</sup> Minha primeira atuação em arte e minha formação acadêmica são na Literatura. Talvez por isso, ao procurar me comunicar e registrar ideias e intenções, a notação verbal sempre veio em primeiro lugar, principalmente a poesia. Não apenas por causa de minha formação, mas sobretudo em função do meu interesse por música, a partitura verbal figura como ferramenta decisiva em minha prática artística.

À medida em que alguém se relaciona com a vasta produção de partituras verbais, tornam-se claras suas complexidades. Robert Blatt, compositor estadunidense, por exemplo, propõe que “tudo pode ser uma partitura”. Além disso, Blatt (2019) entende a partitura como algo que

3 “Notação musical tradicional”, aqui, deve ser entendido como apontando para a típica partitura musical na qual todo um sistema simbólico particular é empregado para registrar obras musicais e instruir uma intérprete na preparação dessas. Segundo Michael Nyman (2014), essa notação simbólica teria papel de destaque na comunicabilidade de uma obra, em um trajeto que pressupõe uma cisão compositora/intérprete, sendo seus símbolos “lidos pela intérprete que faz o seu melhor para ‘reproduzir’ tão precisamente quanto possível os sons que a compositora inicialmente ‘ouviu’ e então ‘registrou’” (Nyman, 2014, p. 31).

pode fazer parte do mundo de uma forma inclusiva, o que somente seria possível a partir do que se compartilha: linguagem e leitura.

[...] uma partitura é algo para ser lido, e quero dizer ler de uma forma muito inclusiva. No entanto, o que é lido deve constituir o seu todo. Portanto, a leitura ocorre em seu nível linguístico, tal como o texto, ou a conhecida abstração geométrica das notas musicais, que sempre ocupam um gradiente de precisão e ambiguidade, o que está escrito e não escrito [...] uma partitura ocupa uma história e lugar próprios, onde partitura e leitor participam de um encontro no qual estão implicados, sempre novo. Quanto mais tempo eu me envolvo com notação, melhor se torna sua inclusividade. (Blatt, 2019).

À medida em que a relação havia sido notada, foi se intensificando a possibilidade de sua escrita. Notar a Monstera me permitia, igualmente, anotá-la. Do quintal para a mesa de trabalho, eu caminhava em direção ao computador e, carregada das percepções sobre a planta, buscava “reproduzir” em som suas dimensões, seus movimentos. O que podemos trabalhar juntas ficou registrado em som, anotado na forma de ondas sonoras quadradas<sup>4</sup>, fortes, cheias.

\*\*

Retorno à epígrafe deste trabalho, no qual Donna Haraway propõe uma reconceitualização do parentesco. Segundo a autora, temos nas mãos o dever de criar um imaginário que privilegie práticas, histórias e metáforas centradas na interconexão. Este novo paradigma reconhece que a vida na Terra é tecida por uma tapeçaria complexa e dinâmica de

---

4 A onda quadrada é considerada mais “barulhenta” em comparação com outros tipos de onda, devido às suas múltiplas harmônicas ímpares. Essas harmônicas adicionais criam bordas afiadas na forma de onda, resultando em um som mais rico em componentes de alta frequência.

relações entre espécies, em que cada fio representa uma interação vital que sustenta o todo.

Ir além do antropocentrismo, ou melhor, transpassá-lo, é reconhecer que a sobrevivência humana está intrinsecamente ligada ao bem-estar de todas as outras espécies e ecossistemas. A cada dia entendo que só há produção sonora de interesse, ou escrita, se as partes envolvidas estiverem intrinsecamente em relação. Dessa forma, ampliou-se para mim a ideia sobre o que é construir um coletivo e sobre o que é estabelecer um comunitário. E é dessa mistura que consigo entender e distinguir um interesse. Foi assim que comecei a pensar no plano das minhas ideias e criações, isso que convencionamos chamar “natureza”.

## REFERÊNCIAS

COCCIA, E. **A vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Tradução: Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

BLATT, Robert. Entrevista ao site Schloss-Post. 2019. Disponível em: <https://schloss-post.com/person/robert-blatt/>. Acesso em: 24 de novembro de 2024.

HARAWAY, D. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradutor Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, D. **Ficar com o problema**: fazer parentes do Chthluceno. Tradutor: Ana Luisa Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.

NOBRE, G. Monstera. **Revista Tranxversal**, Niterói, Ensaios Flecha, p. 5-8, 2022. Disponível em: <https://linktr.ee/tranxversal>. Acesso em: 10 maio 2024.

NYMAN, Michael. **Experimental Music: Cage and beyond**. Cambridge University Press. 2014.

TSING, A.L. **Viver nas Ruínas**: paisagens multiespécies no antropoceno. Tradutor: Rafael Victorino Devos. Brasília: Mil Folhas do IEB, 2018.

Data de submissão: 15/07/2024

Data de aceite: 07/01/2025

Data de Publicação: 05/02/2025